

A FULLY ITALIAN GILLETTE FACTORY

Ferdinando Frega — Nando the Scribe

Gillettenarrative.com

UMA FÁBRICA GILLETTE TOTALMENTE ITALIANA

Todo mundo sabia que as fábricas da GILLETTE estavam espalhadas pela Europa — Alemanha, Reino Unido, Espanha — e mais tarde, só muitos anos depois, veio à tona que também havia fábricas em algum país do Leste Europeu, atendendo aos mercados russos. Mas ninguém jamais soube que havia uma fábrica em Nápoles produzindo APARELHOS GILLETTE BLUE II X 10, com direito a código EAN, código de produto e até número de lote.

Ela também fazia promoções sazonais, com formatos promocionais 10+2 grátis e 10+4 grátis — uma verdadeira filial, só que os escritórios oficiais ficavam em Milão, primeiro na Via Baldissera 5 e depois na Via G.B. Pirelli 18, e ninguém fazia ideia de que aquela fábrica de Nápoles existia.

Foram os dados da NIELSEN que fizeram tudo estourar: cruzando o faturamento com as unidades vendidas, faltava dinheiro que deveria ter entrado — só que as finanças da GILLETTE EUROPE eram geridas internacionalmente a partir de Genebra, e a Itália não tinha caixa próprio.

O faturamento continuava não fechando e, quando os números ficaram expressivos o bastante para pesar, nosso diretor-geral cruzou as portas da Procuradoria da República de Milão para apresentar uma queixa-crime contra desconhecidos.

Distinguir o produto não oficial do oficial não era fácil, mas um detalhe saltou logo aos olhos: abrindo a embalagem, os aparelhos tinham a marca GILLETTE — mas eram da concorrência.

As marcas de fabricação entregavam tudo — nas características da lâmina, no posicionamento da lâmina e no controle de qualidade.

A investigação chegou a um porão em Nápoles, de onde um triciclo de carga Piaggio saía regularmente, uma vez por hora, levando um único palete de 84 embalagens de 20 — o

formato padrão GILLETTE — com direito a nota de entrega da empresa, fazendo a ronda pela maioria dos atacadistas de Nápoles, que o misturavam ao produto oficial.

A curiosidade foi tanta que a área ficou sete dias vigiada por câmeras, e ali o pessoal da falsificação se revelou profissional de verdade: em entregas e produção, nada a reclamar — parecia que a gente estava em Berlim Oriental. Hahaha.

Quando a Guardia di Finanza decidiu entrar no local e prender todo mundo, encontrou famílias inteiras trabalhando — na embalagem, no estoque, na separação, na parte gráfica, no faturamento. Parecia uma filial de Boston na Main Street.

Cerca de 38 pessoas foram presas, mas, para evitar pânico no mercado, a investigação nunca veio a público: teria causado aflição e prejuízo a clientes e consumidores, e o procurador decidiu pôr tudo sob sigilo.

Mas duas coisas impressionaram de verdade: primeiro, a organização e o controle de qualidade aliados à logística e à entrega; segundo, que depois dos interrogatórios as mulheres do grupo perguntaram se podiam ser contratadas para trabalhar na Gillette Italia.

O diretor-geral, um homem originário da Puglia, não sorriu nem uma vez: estava perturbado — não só pelo ato criminoso e pelo dano à empresa, mas pelo fato de que, como presidente da Câmara de Comércio Ítalo-Americana de Milão, acabava de reconhecer talento e qualidade de verdade — talento que jamais poderia pôr na folha de pagamento.

Ferdinando